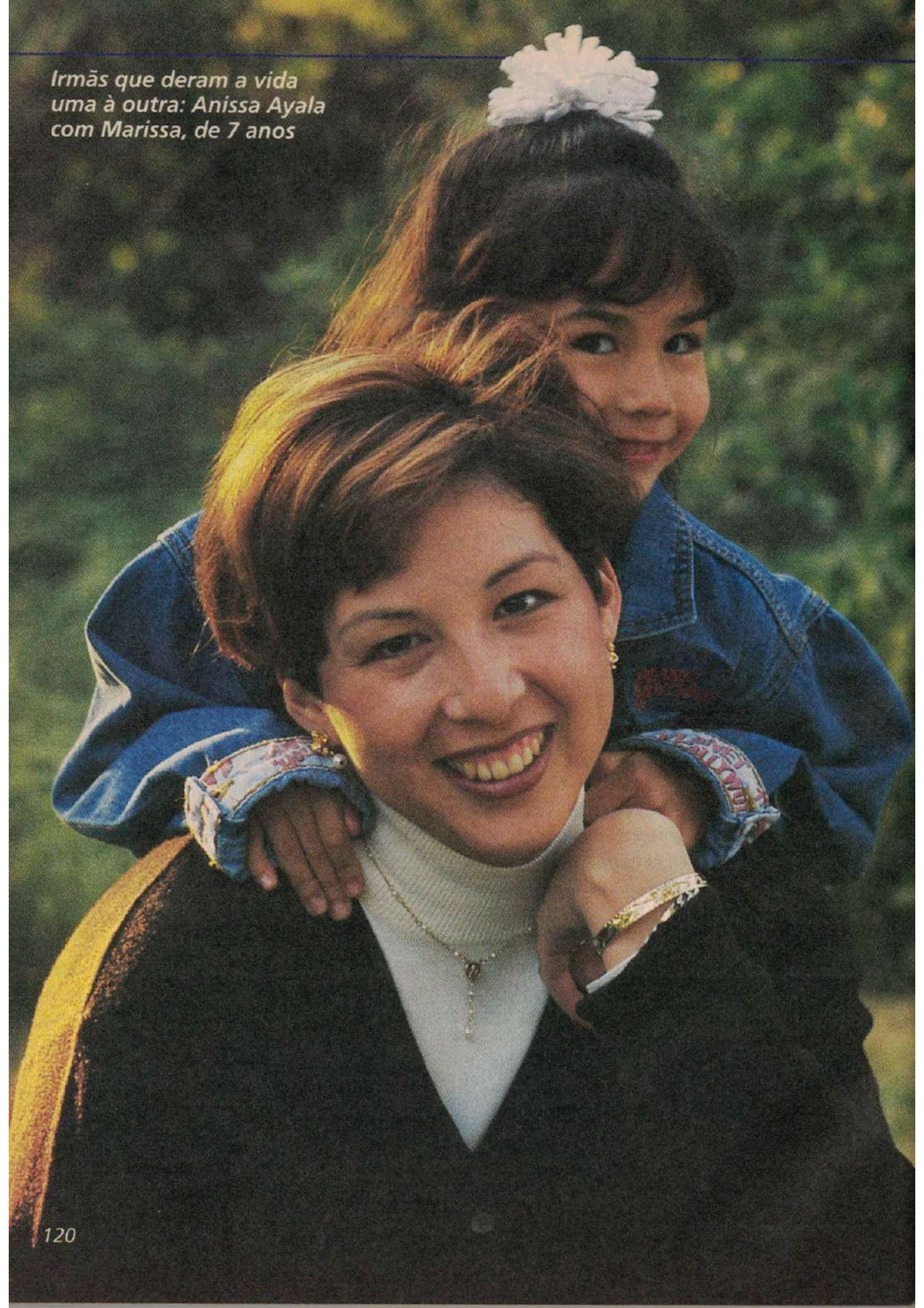


*Irmãs que deram a vida
uma à outra: Anissa Ayala
com Marissa, de 7 anos*



O *nascimento da cura*

LAWRENCE ELLIOTT

Mary e Abe Ayala assistiam indefesos e aterrorizados à doença que ameaçava tirar a vida da bela filha adolescente. Todos os recursos médicos haviam sido tentados, todas as possibilidades de transplante exploradas. Só restava uma opção de cura. E somente eles e uma criança que ainda não nascera podiam dar à filha doente a última esperança.

DURANTE TODO aquele sábado de março a casa de dois andares de Mary e Abe Ayala encheu-se de música e risos, na comemoração dos 16 anos da filha Anissa. Parentes e amigos iam e vinham. A festa tomava o jardim, cheio de cores e promessas de primavera.

Anissa estava radiante, a pele corada e os olhos arregalados diante da montanha de presentes. Cursava o segundo ano do Colégio Walnut, na Califórnia. Esbelta e graciosa, jogava futebol no time feminino e tinha conceito B+. Era considerada uma das garotas mais bonitas e populares da escola. De segunda a sexta-feira, o telefone dos Ayala tocava sem parar quando a única menina da família chegava do colégio, e assim continuava no fim de semana.

Os pais a adoravam. Haviam crescido a 30 quilômetros dali, em guetos empobrecidos do leste de Los Angeles, um mundo totalmente diferente. Netos de imigrantes mexicanos, conheceram o trabalho pesado – que os tirou da pobreza numa única geração. Mary fora cabeleireira durante 18 anos até virar guarda-livros da companhia de conserto de peças de caminhão que Abe abrira vários anos depois de voltar do Vietnã.

Agora viviam nessa bonita casa do subúrbio, cujo quarto principal era maior que as casas em que ambos haviam sido criados. Eram religiosos e gratos a Deus por suas dádivas, das quais a maior eram os filhos Anissa e Airon, de 17 anos.

Naquele dia de 1988, quando Anis-

sa fez 16 anos, não havia garota mais feliz no sul da Califórnia. Dançando e flertando, ela esquecia a dor que lhe atormentava o lado esquerdo há um mês, e os misteriosos ferimentos sobre os quais não falara a ninguém.

Começou com um ponto roxo nos quadris, onde carregava os livros escolares. Outras manchas apareceram nas pernas sempre que encostava em alguém durante o jogo de futebol. Pensou em contar à mãe, porém sabia qual seria a reação: “Vamos logo ao médico.” E isso significaria perder treinos. Então não disse nada.

No entanto, havia outros sintomas que não podia esconder. Uma tarde, depois do jogo, Abe levou-a de carro para casa.

– Você está bem? – perguntou ele.

– Claro. Por quê?

Abe notara que ela, em campo, apenas corria ao lado das adversárias, sem tentar tomar-lhes a bola.

Anissa olhou para fora. *Estivera* sem ar. E as pernas pareciam pesadas. No segundo tempo, houve momento em que a cabeça girou e ela pensou que fosse desmaiar. Com medo de que o técnico a tirasse do jogo, foi além dos limites, completamente exausta. Tentou recuperar-se, relaxando quando achava que ninguém a estava olhando.





Mary e Abe Ayala tinham todas as razões para se sentir abençoados – até que surgiu a notícia sobre a doença de Anissa

Aí começou a dor. Primeiro a dor desconfortável do lado. Logo a sensação de pontadas no estômago, fazendo-a acordar certa noite. Passou a repetir-se todas as noites. Ela se contorcia, apertava o travesseiro e mordia os lábios para não gritar. Mesmo assim, não contou a ninguém.

No domingo de Páscoa, uma semana depois do aniversário, os Ayala voltaram da igreja e sentaram-se para um grande jantar em família, a mesa cheia de pratos mexicanos que Anissa adorava. Depois de algumas colheradas,

ela deixou a comida no prato. A mãe, preocupada, perguntou:

– Você mal tocou na comida. Está bem?

– Estou – respondeu ela, comendo um pouco mais.

Após o jantar, Mary seguiu-a até a cozinha. Faziam um belo par. Mary era tão atraente quanto a filha, apesar de um pouco mais baixa. Parecia irmã, e não mãe. Sempre foram muito próximas; Anissa dizia que a mãe era sua melhor amiga. “Bem”, exigiu Mary, “diga o que há de errado. Está

com febre?” Tocou-lhe a testa e exclamou: “Sim!”

Incapaz de evitar os olhos ansiosos da mãe, Anissa não pôde mais guardar segredo.

– Acho que tenho algum problema, mãe. Sinto-me cansada o tempo todo, e tenho dores do lado e no estômago. Olhe... – Levantou a saia e mostrou feias manchas em ambas as coxas.

– Oh, Céus! O que é isso? – balbuciou Mary. Controlou-se e tornou-se a mãe protetora, parecendo despreocupada, para não assustar a filha. Disse calmamente:

– Bem, seja o que for, vamos ver a doutora Gutierrez amanhã depois da aula para saber o que fazer.

Hesitou em contar a Abe. Finalmente o fez, e tentaram tranquilizar um ao outro. Porém naquela noite Mary ficou acordada na cama, aflita, durante longo tempo, preocupada com o capítulo de suas vidas que julgava encerrado.

Terror de mãe

MARY AYALA: Aos 12 anos, Anissa teve escoliose, curvatura da coluna. No início não percebi. Quando me dei conta de que um de seus ombros estava mais alto do que o outro, o ortopedista explicou que era tarde demais para aparelhos ou exercícios. Ela precisava de cirurgia.

Foi o pior momento de minha vida. Disse ao médico: “Que tipo de mãe deve pensar que sou, por não tê-la trazido antes? Mas nunca notei.” Ele esclareceu que não era raro isso passar despercebido. A escoliose avança tão lenta-

mente que nada se nota até que já esteja bem avançada, como no caso de Anissa.

Fiquei cheia de culpa. Não conseguia imaginá-los abrindo as costas da minha garotinha e unindo sua coluna a uma haste metálica. Andei por todo o sul da Califórnia em busca de solução menos drástica. Sempre diziam o mesmo: ela precisava ser operada – e logo – ou ficaria incapacitada pelo resto da vida.

Anissa enfrentou tudo sem lamentos: cirurgia brutal, transfusões de sangue e reabilitação, que durou mais de um ano. Durante oito meses usou aparelho ortopédico. Quando voltou à escola em setembro, retomou a antiga rotina, os esportes e tudo. Oh, como agradei a Deus!

E agora – essas marcas. Logo que as vi, pensei em todo o sangue que Anissa recebeu há quatro anos. Estaria contaminado pelo HIV? Minha filha estaria com AIDS?

A DOUTORA FRANCES Gutierrez era médica da família Ayala há muito tempo. Fizera o parto de Airon e Anissa e cuidara de ambos em todas as doenças infantis. Também dera a última palavra nas doenças mais sérias de Abe e Mary. Na segunda-feira à tarde, ao ouvir os sintomas de Anissa, sentir-lhe o baço aumentado e ver as horríveis contusões, suspeitou do diagnóstico, mas tudo o que disse foi que precisava de alguns exames de sangue.

Por dentro, a médica estava arrasada. Exercera a medicina durante 24 anos e tratara milhares de famílias. Os Ayala estavam entre os melhores pacientes – gente boa e simples. “Quando vi o que esperava Anissa – aquela

doce menina que já enfrentara o peso-delo da escoliose – tive raiva”, conta hoje. “Pareceu tão injusto. Mas Deus tem suas razões, não é?”

Anissa saiu despreocupada. Tinha aquele senso de indestrutibilidade dos jovens, e estava confiante de que a doutora Gutierrez a curaria. No caminho para casa pediu à mãe para deixá-la num *shopping center*; ia encontrar amigas que a ajudariam a decidir como gastar alguns vales ganhos no aniversário.

Mary observara atentamente a médica e sabia que havia algo errado. Menos de uma hora depois de chegar em casa, o telefone tocou. Era a doutora Gutierrez, pedindo que Mary voltasse ao consultório.

– Anissa não está aqui – respondeu Mary debilmente.

– Não quero Anissa. Quero você e Abe.

Tentando controlar o pânico, Mary ligou para a loja de Abe e chamou-o para ir à médica. Quando ele perguntou o motivo, ela respondeu que não sabia, mas achava que eram más notícias sobre a filha. Abe Ayala ficou atônito. Enquanto esperava que Mary viesse pegá-lo, subiu ao pequeno escritório da loja e procurou acalmar-se. Tinha um só pensamento: *Ela morrerá.*

Sentia-se vulnerável, exposto. Era como a vez em que fora atingido no Vietnã, na ocasião em que alguém de seu pelotão tropeçou numa armadilha. Voltava-se agora, como fizera então, para Deus. Orava profundamente quando ouviu o carro de Mary lá fora.

ABE AYALA: Mary diz que sou cauteloso demais. Talvez. Ao começar esse

negócio, só gastávamos naquilo absolutamente necessário. Queria ter no banco o equivalente a sete meses de pagamento da hipoteca. Se acontecesse algum imprevisto, teríamos lugar para morar.

Assim foi com as crianças. Casamos jovens, porém esperamos cinco anos. Sei o que é ser pobre; queria o melhor para meus filhos. São mais preciosos do que minha própria vida.

Quando fomos ao consultório da doutora Gutierrez, logo de início reparei que havia lágrimas em seus olhos. Perguntou se sabíamos qual era a contagem normal de células brancas do sangue. Respondemos que não. Ela explicou que era de 5 mil a 10 mil por milímetro cúbico; a contagem de Anissa era de 328 mil. Por isso o baço estava inchado e a menina sentia a dor no lado esquerdo.

Não era AIDS. “Anissa tem leucemia”, revelou a doutora Gutierrez.

Por um louco segundo senti esperança; não era AIDS! Depois vi o rosto de Mary desmoronar e me dei conta – leucemia. É dessa doença que as crianças morrem.

Diagnóstico assustador

QUANDO ANISSA CHEGOU, Mary estava em casa esperando-a. Ela entrou correndo, os olhos brilhando de excitação e gritando: “Veja só o que comprei, mãe!” Empoleirou-se numa cadeira da sala onde Mary dobrava roupas. Cercada de pacotes e sacolas, começou a rasgar o embrulho da saia rosa. “Vou usar na escola amanhã”, disse exultante.

A mãe, que como qualquer amiga costumava dividir o entusiasmo diante de uma nova aquisição, evitava olhá-la.

– Qual é o problema, mãe? – perguntou.

– Você não vai à escola amanhã – disse Mary. – A doutora Gutierrez quer que faça uns exames. Vai ficar no hospital alguns dias.

– Por quê? Exames? Que há de errado comigo?

Mary balançou a cabeça e ficou um momento sem poder falar.

– Não sei. Tenho certeza de que não é nada grave.

Anissa deixou os pacotes na sala e foi para o quarto. Conhecia a mãe bem demais para se deixar enganar. Havia algo errado.

Enquanto isso, Airon chegara. O corpo alto e forte escondia o delicado coração. Olhou a mãe que dobrava roupas perdida em pensamentos distantes e pressentiu problemas. Quando lhe perguntou o que estava errado, ela contou que a irmã se achava muito doente: tinha leucemia e precisava ir ao hospital para que os médicos descobrissem que forma da doença ela apresentava, e se estava muito avançada.

No dia seguinte, a caminho do Hospital Infantil Los Angeles, Mary, em geral animada, sentou-se ao lado do marido, sem falar. Anissa tinha certeza de que sabiam mais do que diziam. *Por que papai nem foi trabalhar se não é nada grave? Por que fica me olhando pelo espelho retrovisor? E se conformava: Se não querem falar, tudo bem; não vou continuar perguntando.*

No hospital, estava tudo pronto. As-

sim que subiu na maca, veio a enfermeira tirar-lhe o sangue. Logo a seguir o médico e outra enfermeira mostraram numa boneca como iriam anestesiá-la para que não sentisse nada quando inserissem a agulha e aspirassem a medula óssea – extraindo fluido do osso pélvico.

Quando terminou, Anissa notou murmúrio entre os vários médicos e seus pais do lado de fora do quarto. Quando voltaram, ela olhou para cima, esperando que alguém tivesse algo a dizer, mas ninguém o fez. Ao perguntar à mãe o que os médicos haviam descoberto, Mary respondeu que estavam esperando o resultado dos exames.

Mary e Abe saíram por volta de 11 horas da noite, assegurando-lhe que não havia com que se preocupar. Depois veio a enfermeira e deu-lhe um comprimido. Anissa perguntou para que era, e a enfermeira explicou que a estavam introduzindo na quimioterapia. A garota teve a rápida visão da avó cadavérica nos últimos dias de vida: perdera todo o cabelo na quimioterapia, e morrera de câncer.

Anissa devolveu o comprimido.

– Não vou tomar isto – recusou-se. Os olhos da enfermeira arregalaram-se. – Não vou tomar nada, nem deixar que me façam nada, até que digam o que está acontecendo.

Logo um dos jovens médicos entrou no quarto.

– Qual é o problema, Anissa? – perguntou, como se ela tivesse cinco anos de idade.

Anissa disse-lhe friamente que não era criança e queria saber o que se passava.

– Todos os dias médicos se reúnem com meus pais, e até agora ninguém *me* contou o que está acontecendo.

O médico sentara à beira da cama iluminada apenas pelo abajur; o resto do quarto permanecia escuro. “Posso estar sendo precipitado, Anissa, mas achamos que tem uma doença chamada LMC – leucemia mielogênica crônica –, tipo de câncer adulto do sangue.”

Ela sentiu o coração saltar. *Bem, eu perguntei, ele me respondeu.*

Na manhã seguinte, Anissa acordou determinada a lutar, a combater a doença. E foi o que disse à mãe quando esta chegou ao hospital, mais tarde. “Chega de conferências secretas entre você, papai e os médicos; quero participar de tudo. Entendeu? Se vou morrer quero saber o porquê. Pare de chorar, mãe! E se vou viver preciso saber o que fazer.”

Mary, perturbada, só pôde balançar a cabeça. E assim foi. A partir daquele dia, Anissa passou a ouvir, fazer perguntas, ponderar o que lia em enciclopédias e livros médicos. Adquiriu profundo conhecimento de *sua* leucemia.

A menina aprendera que a doença era conseqüência de alteração genética num único glóbulo branco em alguma parte da medula óssea. Por razões desconhecidas, aquela célula tornara-se maligna, e se reproduzira. Células leucêmicas dominam células saudáveis, atacam órgãos produtores de sangue e causam anemia, infecção e hemorragias internas. A leucemia pode ser fatal em semanas. Mesmo controlada, a reincidência e finalmente a morte são resultados mais comuns.

A leucemia de Anissa era forma crônica da doença, o que significava que só podia ser tratada – não curada – por certas drogas anticancerígenas. Com sorte, a contagem de leucócitos melhoraria, a dor e as contusões desapareceriam, e ela poderia viver livre de sintomas por até cinco anos.

Isto era mais esperança que prognóstico. As células mutantes eram resistentes; algumas sobreviveriam à quimioterapia, e as células por *elas* produzidas seriam imunes a outros ataques químicos. Para todos os efeitos, Anissa estava vivendo com uma bomba-relógio dentro de si: a taxa de fatalidade para a LMC era de 100%, independentemente do tratamento.

Entretanto, ela contava com uma chance além do tratamento. Era procedimento recente, que substituiria a medula óssea doente pelas células da medula de um doador compatível – um transplante. Médicos explicaram que isso possibilitaria destruir *todas* as células leucêmicas através de poderosa combinação de radioterapia e quimioterapia. Por outro lado, o sistema imunológico de Anissa ficaria fora de uso por 15 dias, e nesse período sua vida correria perigo. No entanto, se o corpo não rejeitasse a medula, ou se, em estado indefeso, não fosse atacado por infecção grave, novas células começariam a se multiplicar e ela poderia ter esperança de cura.

“Que faremos agora?”

MARY: Acho que Abe e eu não tínhamos aceitado a realidade de que Anissa estava morrendo até finalmente

entendermos o quanto a leucemia era resistente. Ao nos falarem da possibilidade do transplante, fomos do fundo do poço a uma espécie de esperança desenfreada. Quando disseram que os irmãos costumam ter células compatíveis, e que Airon tinha mais chances de ser o doador de medula de que Anissa precisava, ficamos no sétimo céu; sentimos que talvez estivéssemos livres do pesadelo.

No entanto, um simples teste de tecidos estabeleceu que Airon não era compatível, o que o deixou arrasado, e acabou com as fantasias de cura rápida. Sem saber o que fazer, Abe e eu pedimos para ser testados. Outros parentes próximos se ofereceram também. Todos os resultados foram negativos.

Perguntei-me: Que faremos agora? Disse a Abe: "Nossa filha está morrendo." Continuei perguntando aos médicos e à equipe do hospital: "Que faremos?" Então alguém indicou a organização chamada Fundação Salva-Vidas da América, apenas alguns quilômetros ao norte de nossa casa.

A FUNDAÇÃO, UM DOS primeiros centros de transplante de medula óssea, fora aberta em 1988, mesmo ano do diagnóstico de Anissa, para encontrar doadores compatíveis para pessoas com leucemia. Fazia testes de tecidos de doadores potenciais.

Em qualquer caso, a possibilidade de se encontrar um doador compatível é desencorajadoramente baixa. Pouco a pouco, a Fundação e os centros similares em todo o país começaram a aumentar essas oportunidades. Assim era naquele dia de novembro de 1988,

quando Mary se sentou no escritório de Tami Brown, diretora de operações da Fundação. Mary contou-lhe a história, terminando com o que se tornara pergunta constante: "Que faremos agora?"

Tami Brown nunca esqueceria aquele primeiro encontro: "Vi do outro lado da mesa aquela mulher abatida, desmoronando na cadeira, voz trêmula, chorosa, e pensei: *Ela não vai conseguir.*"

Mas, com seu jeito profissional, explicou que a probabilidade de encontrar um doador para Anissa era uma em 20 mil, e que no registro nacional de doadores potenciais, que abrange a totalidade dos Estados Unidos, havia apenas 17 mil nomes.

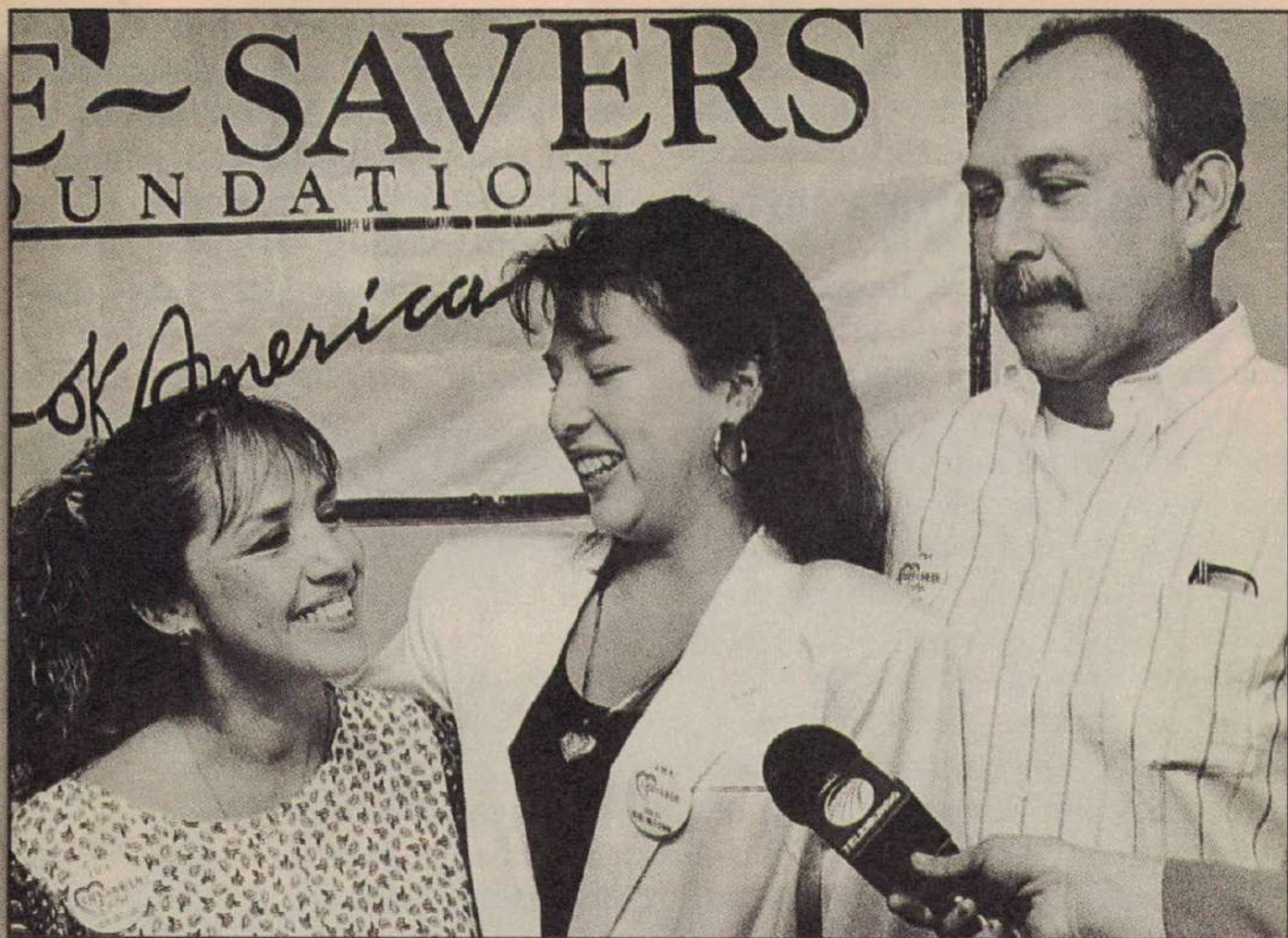
"Não é possível?", sussurrou Mary.

Tami esclareceu que era possível, apenas estatisticamente improvável. Observou que o melhor que Mary podia fazer por Anissa era incentivar mais voluntários a fazer o teste.

"Olhou-me como se eu tivesse duas cabeças", lembra Tami. "'Eu? Como?', perguntou. Então eu lhe disse: 'Pegue o telefone. Faça cartazes. Organize reuniões. Você e sua família devem fazer palestras no Rotary Club, no Lions e na câmara de comércio. Verifique se cada doador que conseguir é compatível com sua filha. E tem de levantar fundos para os testes de tecidos. Não são baratos.'"

Mary afundou ainda mais na cadeira. Ninguém em sua família jamais falara em público antes. Como sairiam por aí pedindo dinheiro aos outros? Não eram indigentes.

Tami ficou triste por ela. Paciente-



Surpresos com a controvérsia, a família Ayala (Anissa aparece no centro) dá entrevista ao repórter e promete levar adiante o plano de um novo filho

mente explicou: as somas de que estava falando não eram triviais. Cada teste de tecido custava 75 dólares, e para ter qualquer possibilidade razoável de encontrar um doador para Anissa os Ayala teriam de conseguir milhares de candidatos. Não havia financiamento público; a única maneira de arranjar o dinheiro era levantar fundos por conta própria.

Acrescentou que o esforço não seria apenas para Anissa. Nomes adicionados ao registro ficariam disponíveis para cada uma das 16 mil crianças e adultos que anualmente contraíam discrasias sangüíneas fatais. Tami reconheceu que era cruel demais que

fosse assim, mas as famílias das vítimas de leucemia eram os melhores vendedores do programa.

Depois fez o que chamou de seu melhor apelo: “Mary, não pode combater as células que estão matando sua filha, porém pode pegar toda essa frustração e fazer algo útil com ela. É só dizer às pessoas: ‘Preciso de sua ajuda! Outras pessoas precisam de ajuda!’ Assim, mesmo que Anissa morra, saberá, em seu coração, que fez tudo para salvá-la. E outras pessoas viverão graças a você.”

Então aconteceu um fato incrível. Segundo Tami, “aquela pequena mulher chorosa, devastada, levantou da

cadeira e, aparentando 4 metros de altura, pediu: 'Diga-me exatamente o que fazer, e o farei.'

Lutando contra a sorte

ASSIM COMEÇOU a longa odisséia dos Ayala em busca de um estranho que pudesse salvar a vida de Anissa. Como a medula óssea controla o sistema imunológico – cujos milhares de interações celulares determinam quando as pessoas ficam doentes e se vão se recuperar – a compatibilidade tem de ser maior que a de transplantes de coração, fígado ou pulmão.

Apesar de a central de registros não encontrar nenhum doador potencial compatível com Anissa, a família continuava insistindo. Após nove dias de avaliação e tratamento, o hospital mandou Anissa de volta para casa. Os médicos recomendaram que o tratamento continuasse num centro especializado em transplante de medula óssea para adultos. Assim, os Ayala começaram a examinar outros hospitais, e encontraram o que queriam a dezesseis quilômetros de casa. Chamava-se Cidade da Esperança.

Apenas dois anos se haviam passado desde a realização, com sucesso, do primeiro transplante de medula de doador desconhecido a um paciente de leucemia no complexo localizado junto às Montanhas San Gabriel. No entanto, o Centro Médico Nacional Cidade da Esperança já assumira seu lugar entre os vários hospitais americanos pioneiros no que era, então, procedimento de último caso, cheio de incertezas.

Para Anissa, que cruzou os jardins de carro com os pais, na manhã de primavera, pareceu mais um campus universitário que hospital, com palmeiras e arbustos floridos enfeitando gramados bem cuidados.

O oncologista pediátrico da Cidade da Esperança mandou que Anissa suspendesse os comprimidos da quimioterapia e começasse a usar *Interferon* – à época droga experimental – para evitar a fase aguda da leucemia. Tinha de injetar a droga em si mesma todos os dias. A injeção a deixava febril e dolorida, como se estivesse com gripe, mas seus glóbulos brancos e vermelhos começaram a voltar ao normal. Os outros sintomas também desapareceram.

Enquanto isso, a luta de Anissa tornara-se a luta da família. Eram poucas as noites em que um ou mais dos Ayala – até o tímido Airon –, muita vezes os quatro, não estavam em alguma reunião de clube ou comício escolar, descrevendo a sombra sobre a vida de Anissa, que escurecia a cada dia.

Ajudados pela Fundação Salva-Vidas, os Ayala saíram munidos de dados e histórias de cortar o coração sobre a necessidade de doadores de medula, particularmente nas minorias étnicas. Distribuía endereços de centros de coleta de sangue na vizinhança, e ofereciam garantia de que o teste inicial era apenas pequena doação sanguínea. E Anissa, descobrindo habilidades de porta-voz não apenas para si mesma como também por uma causa, dizia aos ouvintes magnetizados: "Estou morrendo. Você me ajudaria, se pudesse? Bem, talvez você possa."

Ou: “Nesta platéia, neste momento, há alguém que pode salvar uma vida. Talvez não a minha, mas a de outra pessoa!”

“Ela me encantou”, revelou Tami Brown. Naqueles primeiros meses,

quando a Fundação começou a dirigir a procura de um doador, ela fitava Anissa e via uma adolescente elegantemente vestida, com grande sorriso e adorada pelos pais, que raramente lhe diziam não. Tami perguntava-se se ela

Próximo mês

O gorila das montanhas

Cientistas dedicados arriscam a vida para salvar este raro primata da extinção

Fique de olho nestes e em outros artigos selecionados e condensados com o que há de melhor para sua leitura.

UM DIA SEM LIGAR A TV

Que acontece quando uma família diz não à telinha? Que tal você também experimentar?

OS RELATÓRIOS KINSEY

Muito sexo e mentiras nos livros que ajudaram a deslanchar a revolução sexual

VÔO 961 SEQÜESTRADO!

Ele anunciou aos passageiros: “O avião está sob nosso controle. Temos uma bomba.”

era forte o bastante para suportar o peso da terrível aflição.

“Logo descobri que aquela jovem tinha mais que visual moderno e belo par de brincos. Era resistente. Lutando contra o que poderia ter paralisado uma pessoa mais velha, não se abalava. Era dura na queda.”

E assim era a família. Quando os Ayala divulgaram sua história para a comunidade, pessoas começaram a se oferecer para fazer o teste de tecidos. No início, uma a uma, e logo às dúzias. Depois, às centenas e aos milhares.

Airon Ayala: Nada é tão importante quanto telefonemas, palestras e comícios. Papai era do Lions Club e do Elks

Lodge, e mamãe pertencia ao Clube Feminino de Walnut, e todos eles distribuíam nossos panfletos e nos convidavam para falar. Levantaram milhares de dólares para nossa causa.

Viramos especialistas no assunto e éramos capazes de citar estatísticas e terminologia como se tivéssemos estudado Medicina. Fomos às comunidades vizinhas. A imprensa e a TV locais divulgaram a história. As crianças do Colégio Walnut começaram a bater nas portas e, durante três sábados consecutivos, conseguiram 1.500 pessoas para o teste de tecidos, bem como levantaram mais de 40 mil dólares para ajudar a pagá-los.

Continuo a dizer “nós”. Fiz o míni-

Garanta que Seleções o acompanhará!

PARA MUDAR SEU ENDEREÇO: Escreva para a nossa Central de Atendimento 60 dias antes de sua mudança. Cole sua etiqueta de endereçamento, com o endereço antigo, na área azul, ou simplesmente preencha os campos abaixo:

CÓDIGO DO ASSINANTE	<input type="text"/>
NOME COMPLETO	<input type="text"/>
CEP ANTIGO	<input type="text"/>

Envie este cupom para Reader's Digest
Caixa Postal 13.750 - CEP 20217.970 - RJ

NOVO ENDEREÇO

RUA/Nº	<input type="text"/>
CIDADE	<input type="text"/>
CEP	<input type="text"/>
ESTADO	<input type="text"/>
TEL	<input type="text"/>

MUDANÇA DE
ENDEREÇO?

mo. Meu pai foi o maior planejador, mamãe a maior trabalhadora e Anissa a melhor oradora. Eu fui na onda. Falar em público não é minha especialidade. Mas sempre que falava, dizia o mesmo: 'Minha irmã é a pessoa mais corajosa que conheço, e merece viver.'

TALVEZ FOSSE UMA idéia cujo momento tivesse chegado. O fato é que, nos 20 meses em que os Ayala – e outras famílias aflitas – procuraram despertar o interesse público para a causa, o registro nacional de doadores de medula pulou de 17 mil para 157.079 nomes (agora está em quase 3 milhões), e o número de transplantes realizados passou para 533 ao ano.

No entanto, a vez de Anissa não chegara. Semanas e meses se passavam e, embora seu nome estivesse nos registros do Canadá e da Inglaterra, o telefonema que os Ayala esperavam não vinha. Anissa continuava com incrível otimismo, porém começou a ser vítima de pesadelos e, à noite, ia arrastando as cobertas para o quarto dos pais.

Após um ano e meio de busca desesperada, o telefonema veio, informando entusiasticamente que fora encontrado um doador compatível com Anissa. Entrariam em contato assim que todos os detalhes estivessem acertados.

A alegria dos Ayala foi além da conta. Entretanto, quando os dias se passaram sem nenhuma resposta, a ansiedade novamente tomou conta deles. Tami Brown descobriu a verdade devastadora: alguém se precipitara. Houvera de fato um doador potencial, que na última hora desistira.

Atônitos, Mary, Abe e Airon refu-

giaram-se num estado de torpor. Mas uma calma transcendente apoderou-se de Anissa. “Tudo isso é parte da vontade de Deus”, afirmava. “Acho que Ele não vai deixar que termine assim.”

No fundo, a mãe e o pai sentiam o mesmo. Haviam dado o primeiro passo de um longo, corajoso e incrivelmente difícil caminho, cujo final não se podia prever.

Sem opções

MARY: Bobbie Roger, irmã da doutora Gutierrez, foi uma das amigas que sofreram todo esse tempo conosco. Contou os dias, sabendo que, embora pudéssemos arranjar doador, as dificuldades eram grandes. Durante esse período, os leucócitos doentes de Anissa podiam matá-la a qualquer momento.

Perto do final do ano, quando Bobbie me perguntou o que eu faria, comecei a listar reuniões e comícios que havíamos programado.

Ela interrompeu-me.

– Está perdendo tempo, Mary.

– Que mais posso fazer?

– Pode ter um filho.

Recuei. Não sabia se ela falava sério.

– Está brincando – respondi. – Tenho 41 anos e meu marido fez vasectomia. Acredita em milagres?

Ela não desistiu.

– Vasectomias podem ser revertidas. E, sejamos francas, você não tem alternativa.

Afirmei que nunca funcionaria: era uma teoria louca. Porém, enquanto eu argumentava, a idéia penetrava em meu coração. A verdade é que sempre

quisera outro filho, mas Abe considerava nossa família completa.

De fato, quando fui testá-lo, disse que eu era louca – metade dos nossos amigos já eram quase avós – e de novo tentei esquecer. E continuei a ouvir a voz de Bobbie: “Você não tem alternativa.” Lembrei-me de Tami Brown dizendo que eu precisava saber em meu coração se já havia feito todo o possível para salvar minha filha; eu buscava esta paz de espírito. Acontecesse o que acontecesse, precisava ter certeza de que tinha feito tudo para impedir a morte de Anissa.

Entretanto, certas perguntas me angustiavam. Eu já sabia o que era uma aspiração de medula óssea; tinha visto inserirem aquelas agulhas nos quadris de Anissa. Podíamos sujeitar um recém-nascido a tal procedimento? E como vencer a resistência de Abe à simples idéia de ter outro filho?

Perguntei a um padre como descobrir o que Deus esperava de mim. Ele esclareceu que eu devia procurar em meu coração, que Deus me deixaria saber a resposta. Tarde da noite, deitada no escuro da casa silenciosa, ouvi duas vozes. Uma dizia: “Sim, faça.” A outra dizia: “Não, não está certo.”

Abe e eu conversávamos incessantemente. Ele apenas pensava que não iria funcionar, e não podia suportar ver Anissa sofrendo novamente com outra falsa esperança. Nem eu. Que outra chance tínhamos?

“Ainda é possível encontrar um doador”, Abe disse. Eu sabia que no fundo ele não acreditava.

Falei com certo médico que me assegurou que os riscos para o bebê seriam

mínimos, apenas uma dorzinha nos quadris por uma hora ou um pouco mais. Em aproximadamente uma semana, a medula se regeneraria completamente.

Quando contei isso a Abe, ficou em silêncio por um instante. Depois vi seus olhos ficarem subitamente embaçados.

– Que foi? – perguntei.

– Estava só pensando se ela... se a perdermos, outro filho nos ajudaria a suportar a dor.

Nós nos abraçamos. Conversamos e rezamos. Ainda estávamos paralisados por nossos medos e dúvidas. Um dia era sim; no dia seguinte, não.

Pesquisando as possibilidades de sucesso, descobrimos o quanto eram assustadoras as probabilidades contrárias. Na melhor das hipóteses, há chance de apenas 50% de um homem vasectomizado engravidar a parceira. Quanto a mim, estava numa idade em que as chances de a mulher conceber diminuem sensivelmente. Ainda assim, havia apenas chance de 25% de dois irmãos terem antígenos de medulas ósseas compatíveis. E, finalmente, mesmo sendo o doador consangüíneo, até 40% dos recebedores de transplantes morrem nos dois primeiros anos após a cirurgia.

Naquela mesma semana, acordei de madrugada com o coração pulando e sacudi Abe. Sem respirar, contei-lhe que havia tido um sonho que parecia me dizer para ir em frente e ter o bebê, que tudo daria certo.

– Acho que finalmente descobri o que Deus quer de nós, Abe.

Estávamos sentados na cama. Ele me abraçou.

– *Ouçã, quero que vá à doutora Gutierrez hoje. – Veja se pode engravidar. – Respirou fundo. – Depois descubra o que um cara vasectomizado faz quando muda de idéia.*

O nome dela é Marissa

AGORA A BUSCA se voltava nessa nova direção: uma tentativa audaciosa contra adversidades quase invencíveis. Uma vez tomada a decisão, Mary e Abe perceberam que era inevitável. *Que pai ou mãe, perguntavam-se, diante da morte do filho querido, não faria isso?*

Naquele dia Mary foi ao consultório da doutora Gutierrez e perguntou:

– Estou louca? Sou velha demais?

A médica abraçou-a.

– Vou examiná-la, mas pelo que sei, não acho que seja velha demais.

Mary obteve total incentivo. O caminho era duro. Mesmo depois de Abe se submeter à cirurgia de reversão da vasectomia, a contagem de esperma era deficiente. “Não tenha muitas esperanças”, disse o urologista.

Era março de 1989. Passaram-se mais quatro meses, e nada aconteceu para desafiar o pessimismo do médico. Então, em julho, chegaram testes que mais uma vez acenderam as esperanças dos Ayala. Mary estava grávida.

“Fiquei em êxtase”, conta ela. “Acredito que nenhum de nós pudesse separar os sentimentos – a alegria de ter um bebê na família e a nova esperança de poder ajudar Anissa – porém nos sentíamos mais que duplamente abençoados. Percebíamos a mão de Deus.”

No entanto, esses sentimentos eram revestidos de ansiedades diárias. Conseguiria ela esperar até que o bebê nascesse e crescesse o bastante para submeter-se à aspiração de medula? E a medula do bebê seria compatível com a dela? Não havia como saber. E a família nunca parou de procurar nos registros um doador estranho.

Em novembro, no quarto mês de gravidez, o obstetra sugeriu que Mary fizesse amniocentese, exame de rotina para mães de mais de 35 anos. Neste procedimento, o líquido amniótico é retirado da bolsa que envolve o feto e testado para ver se há anormalidades genéticas. Também revela o sexo do feto.

No início Mary negou-se. Abe e ela haviam discutido e decidido que essa criança seria deles, e a desejariam e amariam independentemente de qualquer deficiência que pudesse ter.

“Eu também”, diz Mary, “não queria saber se o bebê era compatível, ou qual o sexo; não queria quaisquer sentimentos conflitantes. Só desejava uma gravidez normal e feliz.”

Todavia, quando souberam que alguns problemas potenciais de saúde podiam ser corrigidos no útero, decidiram fazer o teste. Depois de marcado, descobriram vantagem adicional: o médico da Cidade da Esperança descobriu novo e promissor procedimento em que o sangue do cordão umbilical – rico em células a partir das quais todas as células sanguíneas se desenvolvem – é congelado no nascimento e usado no transplante com a medula do doador. Mas, antes de fazer isso, os médicos descobririam na amniocente-

se se os antígenos do bebê eram compatíveis com os de Anissa.

MARY: Quatro semanas se passaram sem que eu tivesse qualquer notícia. Estávamos todos na cozinha. Aí a clínica ligou e disse que tinha alguns resultados: o bebê era menina, e perfeitamente saudável.

– Obrigada – sussurrei. Abe, Airon e Anissa imediatamente souberam pela minha voz do que se tratava, e ficaram me olhando. Conteí-lhes as novidades e em meio segundo estávamos chorando. Finalmente perguntei:

– Alguma notícia sobre a compatibilidade de antígenos?

– Ainda não.

Agora que a resposta à última questão crucial era iminente, cada dia parecia uma eternidade. O Natal chegou e foi embora, e já era 1990. Todo o mês de janeiro se passou, e ainda não tínhamos notícias.

Continuávamos ocupados com reuniões de doadores de medula e contatos com grupos cívicos, mas acima de tudo esperávamos. Pensamos num nome para o bebê, e nos ocorreu bem depressa: Marissa Eva, combinando meu nome com o de Anissa, e invocando a bênção da primeira Eva – doadora da vida. Depois disso nunca mais chamamos “o bebê”, apenas Marissa.

Em 16 de fevereiro, uma sexta-feira, eu estava no escritório da loja de Abe preparando a folha de pagamento quando a médica ligou.

– Mary! – cantarolou. – É compatível!

– O quê?!?

– É compatível!

Não consegui falar. Mal podia respirar. Gritei pelo interfone:

– Abe! Abe!

Ele subiu as escadas correndo, assustado:

– Que foi? O que houve?

Atirei-me em seus braços, encantada.

Bebê-milagre

PARA ANISSA, que se afastara da escola por uns tempos, a notícia trouxe novo ânimo. Os médicos explicaram que se Marissa tivesse tamanho normal, poderiam fazer a aspiração aos seis meses de idade.

O caminho, entretanto, estava cercado de riscos novos, imprevistos. Quando uma repórter local telefonou para se informar das novidades, Anissa contou que a mãe estava grávida, e que os Ayala esperavam que o bebê fosse compatível. Ninguém na família considerava isso um segredo.

No dia seguinte a história saiu na primeira página do *Tribune* do Vale San Gabriel. Depois, o *Los Angeles Times* deu à história conotação ética: “É extremamente raro que um bebê seja concebido especificamente para servir de doador de medula óssea para um membro doente da família. Ao contrário dos adultos, crianças são incapazes de dar consentimento para tais procedimentos médicos.”

Os Ayala ficaram horrorizados, não apenas por um assunto tão íntimo de repente se ter tornado de amplo conhecimento público, como também pelo fato de a sofrida decisão ter passado a ser alvo de julgamento de estra-

nhos. Recusaram todas as solicitações da mídia para entrevistas, esperando que a controvérsia tivesse fim.

NÃO CESSOU. Parecia que todos tinham opinião formada. Falsos guardiões da moral procuravam a imprensa para denunciar “a exploração de corpos de bebês”, fazendo com que a aspiração de medula parecesse amputação. Atordoada pelo ataque feroz, já sob terrível tensão, Mary era frequentemente levada às lágrimas. Refugiada pelos cantos da casa, sozinha com a consciência, rezava para ter forças.

Certo dia, Abe disse que a maneira como a história estava sendo tratada prejudicava todo o esforço nacional para recrutar doadores de medula. “Temos de contar nossa versão”, afirmou ele. Logos os Ayala eram matéria de artigos de jornal e televisão, tornando-se até assunto de capa da revista *Time*. Corrigiram, assim, a concepção errada de transplantes de medula, explicando que não havia “partes” do corpo envolvidas.

Alguns especialistas em ética médica se levantaram em sua defesa. Arthur Caplan, hoje diretor do Centro de Bioética do Sistema de Saúde da Universidade da Pensilvânia, destacou que é comum as pessoas terem filhos sem pensar nas razões, e que muitas crianças são geradas, pelo menos em parte, por desejos dos adultos de experimentar a paternidade, para serem herdeiras ou, como antigamente, para o trabalho na lavoura. “Neste caso, uma criança está sendo gerada, pelo menos parcialmente, por uma questão de humanidade”, afirmou Caplan.

O doutor Norman Fost, pediatra especialista em ética da Faculdade de Medicina da Universidade de Wisconsin, concordou: “De todos os motivos pelos quais se tem filhos, acho que este é um dos mais nobres: salvar uma vida.”

Talvez os melhores juízes fossem aqueles que haviam enfrentado a mesma situação dos Ayala. Um casal escreveu ao *Los Angeles Times*: “Como pais de um menino de 16 anos morto de leucemia, ficamos felizes pelos Ayala. Gostaríamos de ter tido esta opção há 26 anos. Como pode haver controvérsia sobre a geração de um bebê-milagre nessa família?”

Surpresa feliz

ABE: Marissa deveria nascer por volta de 15 de abril. Numa noite de terça-feira, duas semanas antes, Mary e eu estávamos de saída para nossa aula de parto Lamaze quando a bolsa d'água estourou. Ficamos meio em pânico. Havíamos recebido instruções para que, assim que ela entrasse em trabalho de parto, chamássemos não apenas o obstetra, mas também as pessoas da Cidade da Esperança, que coletariam o sangue do cordão umbilical. Todos tinham de ir até o Centro Médico com o aparato. Só que ninguém estava preparado para o dia 3 de abril.

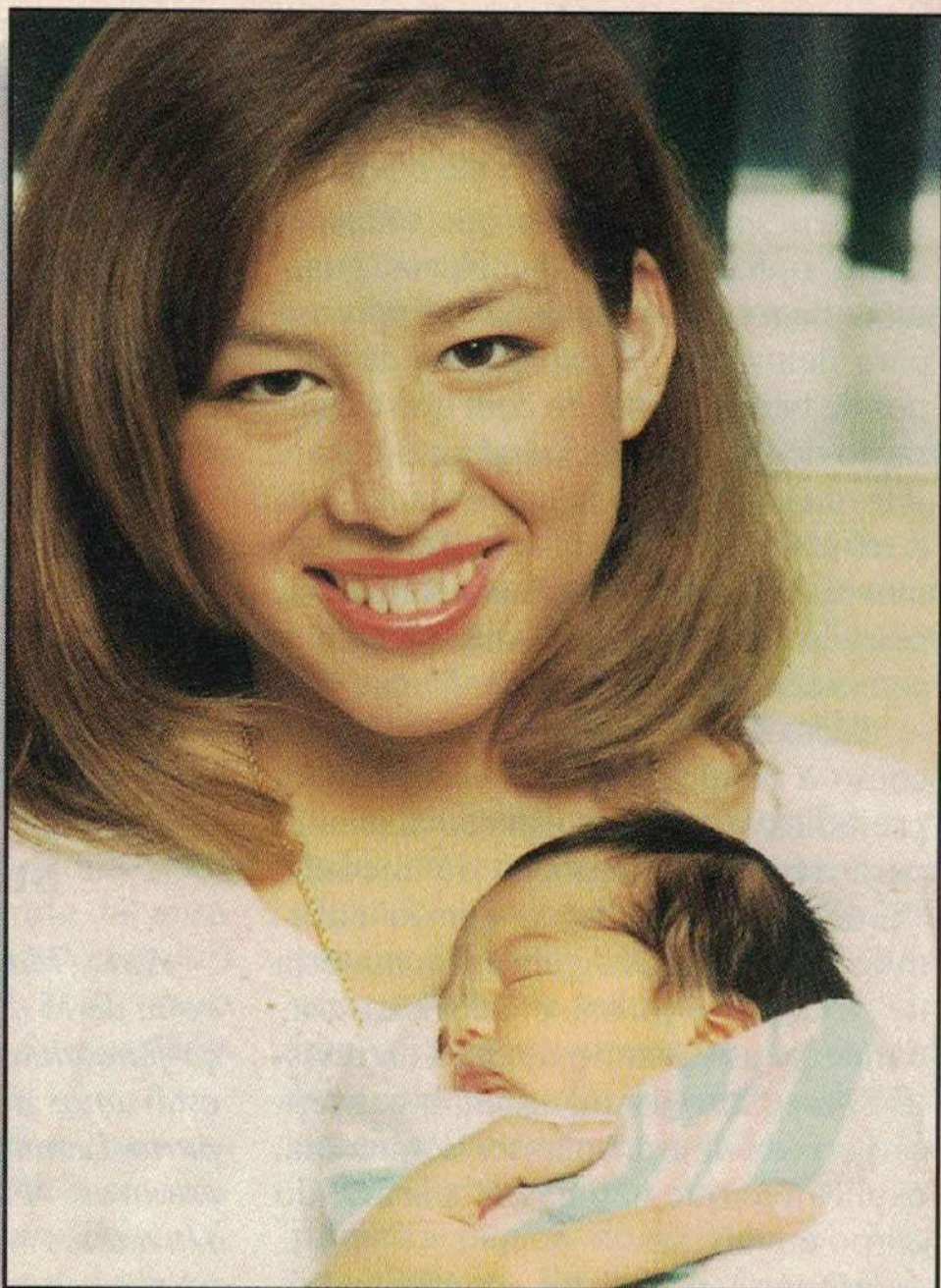
No hospital, o obstetra disse que Mary não estava pronta para o parto, porém não quis arriscar uma infecção, mandando-a de volta para casa. Os médicos da Cidade da Esperança começaram a chegar. Houve apressadas consultas, depois a recomendação: ce-

sariana. Mary, sentada numa cadeira de rodas, apertou-me a mão e perguntou: “Abe pode ficar?” Disseram que sim, e a levaram para o centro cirúrgico. Fui atrás deles.

Não tinha certeza se ia agüentar; no entanto, sabia que tinha de ficar perto de Mary. Seria melhor para nós dois. Puseram-me avental verde e máscara, e tentei não atrapalhar a passagem. Éramos uma multidão: o obstetra e duas enfermeiras, a pediatra de Marissa, e médicos e enfermeiras que faziam a coleta e congelariam o sangue do cordão umbilical.

Não demorou muito. Mary tomou anestesia geral, e fui o primeiro da família a ver Marissa. As enfermeiras a limpavam e pesaram. Então eu a vi: linda, 3,1kg, 50cm, cabelos e olhos castanhos. Quando Mary voltou a si e lhe puseram Marissa nos braços, juntos agradecemos a Deus.

Marissa trouxe completa alegria à família Ayala. Todos sentiram novo espírito, uma onda de esperança, quando Mary surgiu com ela no colo. Em poucos dias, ficava difícil imaginar a vida naquela casa antes da chegada



Anissa encontrou conforto na presença da irmã recém-nascida

de Marissa. “Um de nós sempre a estava abraçando e beijando”, relata Airon, “ou arranjando alguma desculpa para ir a seu quarto ver se estava dormindo, apenas para olhá-la.”

Para Anissa, era como se a recém-nascida já tivesse demonstrado poderes de cura. Ela deixara a escola para passar mais tempo procurando doadores, então estudava sozinha longos períodos. Às vezes seus medos fugiam ao

controle. Nesses momentos, sentava perto do berço de Marissa e lia, ou observava a criança dormindo. Grande calma tomava conta dela.

Dois anos haviam se passado desde que a leucemia fora diagnosticada, e ela sabia que o tempo estava correndo. Cada novo dia trazia a possibilidade de os leucócitos doentes de sua medula reaparecerem.

Algumas vezes Anissa olhava a pequena adormecida e perguntava a si mesma se aquele seria o limite dos planos de Deus: trazer-lhes esta preciosa criança com o objetivo de preencher um espaço vazio na casa. Marissa, perfeita, linda, era pequena como a mãe, e os médicos queriam que crescesse mais antes de realizarem o transplante. A Anissa restava apenas esperar.

Enquanto isso a adolescente tinha o apoio da família, o próprio espírito de luta e agora novo fato. Num dia quente de agosto, Mary e Abe estavam prontos para ir nadar na casa dos amigos Glenda e Fernando Espinosa. Chamaram Anissa para ir com eles. Primeiro ela disse não. Depois gritou: “Esperem, mudei de idéia.”

Foi uma decisão súbita, por impulso. Mas algo a enviou a um caminho novo, em direção a alguém com quem podia dividir tudo, inclusive a vulnerabilidade que tentava esconder da família.

Seu nome era Bryan Espinosa.

Embora os pais fossem muito amigos, Anissa e ele nunca haviam se visto. Bryan formara-se no Colégio Walnut cinco anos antes dela. Ao serem apresentados, a reação foi instantânea. Ele estava fazendo churrasco, e depois de trocarem algumas palavras, Anissa

tornou-se sua ajudante. A menina descobriu que ele havia acabado de abrir o próprio negócio, um serviço de manutenção de escritórios, e possuía incrível senso de humor. Melhor, não se deixara intimidar pela doença dela.

Os outros rapazes tentavam fingir que não havia nada de errado com Anissa, ou agiam como se ela fosse quebrar. Bryan era diferente. Ele a fez rir o dia todo, mas por trás das piadas mostrava preocupação e apreço.

Lembra-se de ter ouvido falar em Anissa muito antes de se conhecerem. “Meus pais falavam nela o tempo todo; era como se já a conhecesse.” Naquele dia, olhou para ela e sentiu algo diferente.

No alegre espírito do dia, o pai de Bryan atirou Anissa, de roupa e tudo, na piscina. Bryan emprestou-lhe um moletom. Antes de ir embora, nada disseram sobre novo encontro. Por isso, ela pretendia lavar e passar o moletom, e depois ligar para devolvê-lo.

O rapaz não deixou. Mary chamou-a ao telefone na manhã seguinte com sorriso malicioso: “É Bryan.”

– Oi – disse. – Você esqueceu a chupeta da sua irmã.

– É? E por que você não falou nada à minha mãe? – provocou ela.

– Adivinhe! – respondeu ele, acrescentando que tinha um bom filme de vídeo – *Conduzindo Miss Daisy*.

Ela queria ver? Anissa respondeu que sim. Naquela tarde ele trouxe o filme. Depois foram comer pizza. Quando o rapaz foi para casa naquela noite, ambos sabiam que, não importava o que o futuro pudesse trazer, iriam compartilhá-lo.

Bryan nunca saiu com outra desde então, e seis meses depois – 14 de fevereiro de 1991, Dia dos Namorados – ficaram noivos.

“Feliz aniversário”

ESSA NOVA ETAPA na vida de Anissa e o apoio persistente de Bryan foram fundamentais. Em 22 de maio a busca de três anos pela cura chegou ao fim. Naquele dia, a médica de Marissa decidiu que a menina, agora com 14 meses e pesando 5 quilos, estava pronta para a aspiração. Anissa foi internada na Cidade da Esperança para uma série de testes preparatórios para o transplante.

Quando a notícia se espalhou, a imprensa cercou o hospital: vans da TV com sua aparelhagem e jornalistas de todas as partes dos EUA. O hospital fez apenas breve declaração. A família nada disse.

Havia seguranças de plantão do lado de fora do quarto de Anissa. Naquela semana ela recebeu infusão, durante quatro horas, de alta dose de quimioterapia e o primeiro dos 11 tratamentos de radiação do corpo inteiro. Sua contagem de células sanguíneas despençou. O objetivo do tratamento era destruir completamente a medula óssea cancerosa. Deixou-a frágil, sem cabelos, vomitando, com náuseas e úlceras na boca. Como não podia tolerar comida, alimentava-se por via intravenosa.

O tratamento também destruiu o sistema imunológico, tornando-a indefesa contra infecções. Nas três semanas seguintes, ficou totalmente isolada, confinada num quarto com ar

especialmente filtrado, onde familiares e amigos só podiam entrar depois de se lavarem cuidadosamente, vestindo aventais cirúrgicos, gorros e máscaras esterilizados.

“Era de cortar o coração”, conta Mary. “Uma semana antes, era uma jovem vibrante, saudável, e por causa de uma decisão nossa esteve à beira da morte. Não podíamos evitar pensar: *Agimos certo? Seria melhor deixá-la em paz com o pouco tempo que lhe restava?*”

Com o novo fluxo de cobertura dos jornais e da TV veio outra onda de cartas abusivas. Mary e Abe ficaram assustados com o boato de que havia pessoas querendo uma liminar para impedir a participação de Marissa, por ser incapaz de dar permissão.

ABE: Para Mary e eu, essa ameaça de última hora foi quase insuportável. Vimos Anissa sozinha, com a vida por um fio, e tememos que as pessoas tentassem cortar esse fio.

Sem saber o que podia acontecer, não tiramos Marissa de casa durante toda a última semana. Antes do amanhecer de 4 de junho, levamos nossa filha à Cidade da Esperança. Conforme o combinado, entramos pelos fundos. Anissa estava na oncologia, em outro prédio, e embora Mary e eu nos atormentássemos por isso, nunca tivemos dúvidas sobre onde ficar. Anissa pelo menos sabia o que estava acontecendo, e que estávamos por perto.

Por volta de 8 horas da manhã, os médicos puseram Marissa para dormir sob anestesia geral. A parte difícil foi tomar conhecimento de que iam

inserir-lhe longas agulhas em cada lado do quadril. Sabíamos que estaria dormindo e não sentiria nada; tranquilizaram-nos dizendo que nenhum doador em toda a história dos transplantes de medula jamais tivera reação séria. Contudo, nenhum de nós pôde respirar calmamente até que tudo tivesse acabado.

Em 30 minutos estava terminado, e a medula, acrescida das células retiradas do cordão umbilical de Marissa, estava a caminho da oncologia. Queríamos ir para lá imediatamente, mas como sair antes de ver Marissa acordada e alerta outra vez?

Durante a manhã, aqueles brilhantes olhos castanhos se abriram e nos olharam diretamente. Ela sorriu, como sempre fazia ao nos ver pela manhã, e teria pulado da cama se tivéssemos deixado. Por volta de meio-dia, movimentava-se pelo corredor do hospital como se tivesse apenas acabado de acordar. Então a mãe de Bryan, desconhecida dos jornalistas locais, levou-a para casa.

Depois, Mary e eu corremos para perto de Anissa.

AIRON E BRYAN esperaram durante horas do lado de fora do quarto de Anissa. Até uma enfermeira fechar a cortina da grande janela, podiam vê-la sorrindo bravamente. Ela viu os balões vermelhos que diziam: “Feliz aniversário”. Não era seu aniversário, porém ela entendeu o significado: o começo da nova vida.

Quando a medula chegou, foi injetada em Anissa com cateter através de incisão no peito. A medula vermelha-escura misturou-se à corrente sangüí-

nea. Ali, as células começaram a se dirigir para as cavidades ósseas.

“Ela quase morreu”, lembra-se Abe. “Parecia que uma brisa a derrubaria.”

No início, todos ficaram entusiasmados, sabendo que o transplante terminara e Anissa estava viva. No entanto, com o passar dos dias, ela não dava sinais de melhora. Ninguém podia afirmar se o transplante dera certo, e tinham de esconder a ansiedade quando vinham visitá-la.

Todos conheciam bem os possíveis problemas para permanecerem realmente tranquilos. Sempre existia o risco de infecção e de pneumonia. E havia não apenas o eterno desafio da medicina de o corpo rejeitar o tecido, como também a chance oposta de as novas células desencadearem um ataque de anticorpos no paciente – principal causa de fracasso dos transplantes de medula.

No período de ansiedade, Bryan foi o maior companheiro de Anissa. Vinha pela manhã bem cedo e ficava até que o mandassem sair, por volta da meia-noite. Era bastante protetor; sabia que se alguém entrasse naquele quarto com uma simples gripe ela estaria morta; por isso, inspecionava cada visitante. As enfermeiras o chamavam de “Doutor Bryan”.

Ele também fazia Anissa rir e alegrava seus dias. Trouxera-lhe um boné para cobrir a cabeça lisa e a provocava dizendo que era o menino mais bonito que ele já vira. Quando o número de células brancas aumentava, ele comemorava. Quando caía, consolava: “É mais do que tinha quando começou.”

Mary e Abe tentavam imitar o jeito

alegre de Bryan, mas lembravam-se de que a filha teria de construir um sistema imunológico completamente novo a partir do número relativamente pequeno de células que Marissa lhe tinha dado. E isso era demorado. Finalmente, a contagem de leucócitos chegou a 100.

O médico explicara que quando chegasse a 1.000 – primeiro sinal de multiplicação das células de Marissa – ela poderia sair do isolamento. Então Abe pôs um calendário na parede e ficou acompanhando diariamente – 200, 300. Depois recuava para 100 outra vez. No dia seguinte eram mais de 800 – aí vinha outra queda.

Marissa não podia entrar no quarto, porém Mary e Abe freqüentemente a traziam para o pequeno jardim japones próximo à janela do quarto da irmã, para que pudessem acenar uma para a outra, e Anissa pudesse vê-la brincar. Aquilo também lhe dava forças. Ela dissera à mãe: “Tenho de estar aqui para vê-la crescer.”

Por fim, três semanas após a realização do transplante, a contagem de leucócitos de Anissa ultrapassou os 1.000 e continuou a aumentar. Ela pôde sair do quarto onde estivera enclausurada. Ainda se encontrava muito fraca e passava mal. No entanto, a cor voltara à sua face, e alimentava-se regularmente. Vencera o primeiro obstáculo.

Uma semana depois, em 5 de julho, o médico fez uma declaração à imprensa: Anissa tivera alta. Sua recuperação fora “excelente”, escreveu ele, mas a infecção, rejeição e reincidência da leucemia continuavam a ameaçá-la,

e nada se podia dizer sobre o prognóstico a longo prazo.

NAQUELE MESMO dia ela foi para casa. Foi saudada por uma multidão de parentes e amigos que acenavam com faixas e balões de boas-vindas. Sob o brilhante chapéu vermelho que usava, os olhos se encheram de lágrimas. Ela jogou beijos e deu abraços apertados em Marissa e Airon.

Mary fez a cama de Anissa o mais esterilizada possível. Esfregou chão e janelas, e na porta do quarto pendurou um cartaz manuscrito: “Germes, fora!”

Nas semanas que Anissa passou ali, Marissa foi sua companhia constante, brincando quietinha no chão, conversando, escovando a mecha de cabelo que nascia na cabeça da irmã, e ajudando-a a atingir o marco de 100 dias sem complicações. Depois, Anissa poderia experimentar prazeres simples que lhe eram negados: sair sem máscara, comer frutas e legumes proibidos. Mais importante, os Ayala sentiam-se uma família normal outra vez. Quando Anissa se recuperou, passou a concentrar-se com a mãe numa tarefa importante: os preparativos do casamento.

Um ano e um dia depois do transplante – em 5 de junho de 1992 – Anissa e Bryan se casaram. Era uma daquelas deslumbrantes noites californianas: pôr-do-sol incandescente, céu escurecendo pouco a pouco, incontáveis estrelas. Cada um dos 350 convidados – médicos, enfermeiras, recrutadores de doadores, ou simplesmente pessoas que rezaram por ela – desempenhara algum papel, grande ou pequeno, na re-



A família Ayala hoje: (em cima) Abe e Mary com a filha Marissa; (sentados, da esquerda para direita) o filho Airon, Anissa e o marido Bryan

cuperação. Estavam todos ali para celebrar o milagre de sua nova vida.

Anissa chegou, bonita como toda noiva, de braços dados com o pai orgulhoso. Na frente, Marissa, 2 anos, carregava a aliança da irmã numa pequena almofada. Mary olhou-as e agradeceu em silêncio pela cena: duas filhas maravilhosas que, juntas,

havam feito um milagre acontecer.

Nota do editor: Anissa já passou do período de cinco anos após o qual os pacientes de câncer são considerados curados. Trabalha em tempo integral para a Cruz Vermelha de Los Angeles, recrutando potenciais doadores de medula óssea para o registro nacional.



A SECRETÁRIA perguntou ao chefe:

– Posso tirar todos os documentos e pastas de vinte anos para liberar parte do arquivo?

– É claro que sim. Mas antes de se desfazer deles tire uma cópia de cada.

Claudinei Segatelli, Monte Alto (SP)